



PREFEITURA MUNICIPAL DE RIBEIRÃO CORRENTE

DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO

E.M.E.B. "JORNALISTA GRANDUQUE JOSÉ"

Rua Marechal Deodoro, 815 – Bairro Centro – Ribeirão Corrente - SP. CEP: 14445-000 - Fone: (16) 3749.1017

Ato de Criação: Lei Municipal Nº 986, de 20 de março de 2008

Email - [granduquejose@educacao.sp.gov.br](mailto:granduquejose@educacao.sp.gov.br)

**ESTUDO EM CASA - DISTANCIAMENTO SOCIAL - COVID 19**

**TRABALHO DE REDAÇÃO – 7º ANOS B e C - 2 AULAS**

**9ª SEMANA – DE 06 A 09 DE ABRIL DE 2021 – 1º BIMESTRE**

**PROFESSORAS: Gislaine Reis**

Nome: \_\_\_\_\_ Série: \_\_\_\_\_

- Olá! Espero que estejam todos bem!
- Este é o trabalho bimestral, valerá nota de 0,0 a 8,0 e contará, também, para o fechamento da média do 1º bimestre. Portanto, façam com atenção, vontade e capricho.
- **NÃO É NECESSÁRIO ENVIAR FOTO DO TRABALHO.**

**TRABALHO PARA SER ENTREGUE NA ESCOLA ATÉ O DIA 09/04/2021**

**Leia a notícia:**

**Pai e filha usam fantasias para levar lixo durante o isolamento na Espanha**

*'Divertir-se em família é uma forma de nos esquecermos um pouco do que está acontecendo', diz Jaime Coronel, que vive em Puertollano*

**Por Letícia Macedo, G1**

**13/05/2020 07h00 Atualizado há uma semana.**

Durante o isolamento, um homem de 34 anos de Puertollano, na Espanha, decidiu descer

fantasiado de Olaf (o boneco de neve de Frozen) para levar o lixo da casa onde mora com a mulher e dois filhos. Ele fez isso por volta das 20h quando os vizinhos iam para as janelas aplaudir os profissionais da saúde do país, um dos mais atingidos pela pandemia de Covid-19 na Europa.

Foi um sucesso! A partir daí, Jaime Coronel começou a usar cada dia uma fantasia diferente: enfermeira, múmia, coringa, um ladrão da série "A Casa de Papel", "Piratas do Caribe", Homem Invisível, bailarina, policial.

Em princípio, ia sozinho porque as regras de confinamento na Espanha foram umas das mais restritas da Europa. Porém, quando o governo permitiu que as crianças, enfim, saíssem de casa, ele passou a levar a filha Mara, de 3 anos, que até então acompanhava o

pai da janela. Em várias das gravações, é possível ouvir a voz da menina chamando pelo pai.

Então, os vizinhos puderam ver Olaf acompanhado da Elsa, Ladybug e o CatNoir, Rapunzel e Pascal, o Homem-Aranha e a Mulher-Aranha, A Bela e a Fera, Goku e Gohan, do Dragon Ball.

“Nunca imaginei que essa ideia teria tanta repercussão, porque era para minha filha e para os moradores do bairro se distraírem um pouco e não pensarem em nada mais do que estava acontecendo”, afirmou ao G1.

Quando questionado sobre qual é a mensagem que Jaime gostaria de passar para quem está em isolamento é: brinquem em família.

“Aqui de longe, queria dizer a todos os que estão em quarentena que aproveitem a companhia de seus filhos e de sua família. Eles são o melhor que nós temos. Brincar, divertir-se em família é uma forma de nos esquecermos um pouco do que está acontecendo que, sinceramente, é muito grave.”

1-Tendo o texto como referência, responda às perguntas abaixo:

A- Qual foi o acontecimento? \_\_\_\_\_

B- Onde ocorreu? \_\_\_\_\_

C- Quando ocorreu? \_\_\_\_\_

D- Por que aconteceu? \_\_\_\_\_

E- \_\_\_\_\_ Como aconteceu? \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

**Leia o conto “ A doida”, de Carlos Drummond de Andrade e responda às questões.**

### **A DOIDA**

Carlos Drummond de Andrade

A doida habitava um chalé no centro do jardim maltratado. E a rua descia para o córrego, onde os meninos costumavam banhar-se.

Os três garotos desceram manhã cedo, para o banho e a pega de passarinho. Só com essa intenção. Mas era bom passar pela casa da doida e provocá-la. As mães diziam o contrário: que era horroroso, poucos pecados seriam maiores.

Sabia-se confusamente que a doida tinha sido moça igual às outras no seu tempo remoto (contava mais de sessenta anos). Repudiada por todos, ela se fechou naquele chalé, e acabou perdendo o juízo. Perdera antes todas as relações. Ninguém tinha ânimo de visitá-la. O padeiro mal jogava o pão na caixa de madeira, à entrada, e desaparecia.

Diziam que nessa caixa uns primos generosos mandavam pôr, à noite, mantimentos e roupas, embora oficialmente a ruptura com a família se mantivesse inalterável.

Vinte anos de existência, e a lenda está feita. Quarenta, e não há como mudá-la. O sentimento de que a doida carregava uma culpa, que sua própria doidice era uma falta grave, uma coisa aberrante, instalou-se no espírito das crianças.

E assim, gerações sucessivas de moleques passavam pela porta, fixavam cuidadosamente a vidraça e lascavam uma pedra.

Os três verificaram que quase não dava mais gosto apedrejar a casa. As vidraças partidas não se recompunham mais. Em todo caso, o mais velho comandou, e os outros obedeceram na forma do sagrado costume. Pegaram calhaus lisos, de ferro, tomaram posição. Cada um jogaria por sua vez, com intervalos para observar o resultado.

O projétil bateu no canudo de lata enegrecido – blem – e veio espatifar uma telha, com estrondo. Um bem-te-vi assustado fugiu da mangueira próxima. A doida, porém, parecia não ter percebido a agressão, a casa não reagia. Então o do meio vibrou um golpe na primeira janela. Bam! Tinha atingido uma lata, e a onda de som propagou-se lá dentro; o menino sentiu-se recompensado. Esperaram um pouco, para ouvir os gritos.

E era tudo a mesma paz.

Aí o terceiro do grupo, em seus onze anos, sentiu-se cheio de coragem e resolveu invadir o jardim. Os companheiros não queriam segui-lo.

O garoto empurrou o portão: abriu-se. Então, não vivia trancado?... E ninguém ainda fizera a experiência. Era o primeiro a penetrar no jardim, e pisava firme, posto que cauteloso. Os amigos chamavam-no, impacientes. Mas entrar em terreno proibido é tão excitante que o apelo perdia toda a significação. Pisar um chão pela primeira vez; e chão inimigo.

Curioso como o jardim se parecia com qualquer um; apenas era mais selvagem. Lá estava, quentando sol, a mesma lagartixa de todos os jardins. O menino pensou primeiro em matar a lagartixa e depois atacar a janela. Chegou perto do animal, que correu. Na perseguição, foi parar rente do chalé, junto à cancelinha azul que fechava a varanda da frente.

E o garoto subiu os dois degraus, empurrou a cancela, entrou. Tinha a pedra na mão, mas já não era necessária; jogou-a fora. Tudo tão fácil, que até ia perdendo o senso da precaução.

A princípio não distinguiu bem, debruçado à janela, a matéria confusa do interior. Os olhos estavam cheios de claridade, mas afinal se acomodaram, e viu a sala, completamente vazia e esburacada, com um corredorzinho no fundo, e no fundo do corredorzinho uma panela no chão, e a pedra que o companheiro jogara. Passou a outra janela e viu o mesmo abandono, a mesma nudez. Mas aquele quarto dava para outro cômodo, com a porta cerrada. Atrás da porta devia pois estar a doida, que inexplicavelmente não se mexia, para enfrentar o inimigo.

E o menino saltou a janela, pisou, indagador, no soalho gretado, que cedia. A porta dos fundos cedeu igualmente à pressão leve entreabrindo-se numa faixa estreita que mal dava passagem a um corpo magro.

Atrás do piano, encurralada a um canto, estava a cama. E nela, busto erguido, a doida esticava o rosto para frente, na investigação do rumor.

Não adiantava ao menino querer fugir ou esconder-se. E ele estava determinado a conhecer tudo daquela casa. De resto, a doida não deu nenhum sinal de guerra. Apenas levantou as mãos à altura dos olhos, como para protegê-los de uma pedrada.

Ele encarava-a com interesse. Era simplesmente uma velha. E que pequenininha! O corpo sob a coberta formava uma elevação minúscula. Miúda, escura, desse sujo que o tempo deposita na pele, manchando-a. E parecia ter medo.

A criança sorriu, envergonhada, sem saber o que fizesse. Então a doida ergueu-se um pouco mais, firmando-se nos cotovelos. A boca remexeu, deixou passar um som vago e tímido.

Ele teve a impressão de que não era xingamento, parecia antes um chamado. Sentiu-se atraído para a doida. Era um apelo, sim, e os dedos, movendo-se timidamente, o confirmavam.

Talvez pedisse água. A garrafa de barro para água estava no criado-mudo, entre vidros e papéis. Ele encheu o copo pela metade, estendeu-o. A doida parecia aprovar com a cabeça, e suas mãos queriam segurar sozinhas, mas foi preciso que o menino a ajudasse a beber.

Fazia tudo naturalmente, e nem conservava qualquer espécie de aversão pela doida. A própria ideia de doida desaparecera. Havia no quarto uma velha com sede, e que talvez estivesse morrendo.

Nunca vira ninguém morrer, os pais o afastavam se havia em casa um agonizante. Mas deve ser assim que as pessoas morrem.

Um sentimento de responsabilidade apoderou-se dele. Desajeitadamente, procurou fazer com que a cabeça repousasse sobre o travesseiro. Os músculos rígidos da mulher não o ajudavam.

Mas a boca deixava passar ainda o mesmo ruído obscuro, que fazia crescer as veias do pescoço, inutilmente. Água não podia ser, talvez remédio...

Passou-lhe um a um, diante dos olhos, os frasquinhos do criado-mudo. Sem receber qualquer sinal de concordância. Ficou perplexo, indeciso. Seria caso talvez de chamar alguém, avisar o farmacêutico mais próximo, ou ir à procura do médico, que morava longe. Mas hesitava em deixar a mulher sozinha na casa aberta e exposta a pedradas. E tinha medo de que ela morresse em completo abandono, como ninguém no mundo deve morrer. Não deixaria a mulher para chamar ninguém. Sabia que não poderia fazer nada para ajudá-la, a não ser sentar-se à beira da cama, pegar-lhe nas mãos e esperar o que ia acontecer.

**(ANDRADE, Carlos Drummond de. Poesia Completa e Prosa. 3 ed. p. 653 a 658. Rio de Janeiro, Companhia José Aguilar, 1973. Texto com adaptações.)**

1 – O ditado popular que tem melhor relação com o contexto geral da história é:

( A ) “Antes só do que mal acompanhado”.

( C ) “Cada macaco no seu galho”.

( B ) “Em boca fechada não entra mosca”.

( D ) “As aparências enganam”.

2 – A palavra que pode substituir repudiada em “Repudiada por todos, ela se fechou naquele chalé...” (3º parágrafo) sem alterar o sentido original da frase é:

- ( A ) aprisionada. ( C ) abandonada.  
( B ) acolhida. ( D ) procurada.

3 – “Fazia tudo naturalmente, e nem conservava qualquer espécie de aversão pela doida.” (18º parágrafo).

A palavra sublinhada **NÃO** pode ser substituída, sem que haja modificação no sentido do texto, por:

- ( A ) ódio. ( B ) antipatia. ( C ) repulsa. ( D ) afeição.

4 – Observe o trecho: “Os três garotos desceram manhã cedo, para o banho e a pega de passarinho. Só com essa intenção.” (2º parágrafo). Além do que está descrito na frase, os meninos ainda pensaram em:

- ( A ) roubar frutas nos quintais. ( C ) provocar a doida ao passar por sua casa.  
( B ) obedecer às ordens das mães. ( D ) levar pão à casa da pobre senhora.

5 – O trecho que NÃO descreve a mudança radical de sentimentos do menino, após sua entrada na casa, com relação à doida, é:

- ( A ) “Um sentimento de responsabilidade apoderou-se dele.” (20º parágrafo)  
( B ) “Mas hesitava em deixar a mulher sozinha...” (22º parágrafo)  
( C ) “e nem conservava qualquer espécie de aversão pela doida.” (18º parágrafo)  
( D ) “A doida parecia aprovar com a cabeça.” (17º parágrafo)

6 – “E tinha medo de que ela morresse em completo abandono, como ninguém no mundo deve morrer.” (22º parágrafo). Sobre esse trecho e o final do texto em si, podemos afirmar que:

- ( A ) o menino, durante toda a história, demonstrou ter medo da morte.  
( B ) o menino decidiu abandonar a senhora em seus momentos finais.  
( C ) o menino se responsabilizou em acompanhar a senhora nos momentos finais.  
( D ) o menino hesitou e deixou a mulher sozinha e exposta a pedradas.

7 – O tema central relacionado ao texto é:

- ( A ) relacionamento familiar. ( C ) aversão das crianças aos idosos.  
( B ) peripécias das crianças. ( D ) superação do preconceito.